

## Poesia se paga com Poesia

Benedicto Monteiro

**D**alcídio Jurandir é um dos maiores escritores latino-americanos. Da sua obra literária composta de dez romances, nove são dedicados ao universo da grande ilha do Marajó. E Belém, a capital do Estado do Pará, é personagem de todos eles, como cidade, como pórtico da Amazônia e como quase-ilha do arquipélago marajoara.

**Chove nos Campos de Cachoeira, Marajó ou Marintambalo, Linha do Parque, Belém do Grão Pará, Passagem dos Inocentes, Os Habitantes, Primeira Manhã, Chão dos Lobos, Ribanceira e Ponte do Galo,** constitui um acervo cultural e literário, que apesar da imensa importância, não é conhecido dos brasileiros nem dos paraenses.

Eu, pessoalmente, tenho uma dívida com Dalcídio que sangra há quarenta anos. Ela foi contraída em 1941, quando li, perplexo e deslumbrado, o **Chove nos Campos de Cachoeira**, nos corredores do Internato do então Instituto Nossa Senhora de Nazaré.

É bem verdade, que li o romance com objetivo de criticá-lo na revista do colégio, pois a minha atenção fora despertada por um artigo publicado no **A Palavra**, jornal da Arquidiocese, que anatematizava o romance, em crônica de primeira página com o título sarcástico de **Choram nos Campos de Cachoeira**.

Só, que, ao penetrar na saga do nosso povo, através dos personagens que Dalcídio criara, eu saí da perplexidade e do deslumbramento da juventude, para enfrentar o mundo com aquele facho de luz e com aquela força poética que abriram para mim todos os caminhos da vida.

Depois, Dalcídio escreveu, em 1945, o prefácio para o meu primeiro livro de poesia publicado no Rio de Janeiro sob o título de **Bandeira Branca**.

Nesses quarenta anos a dívida continuava.

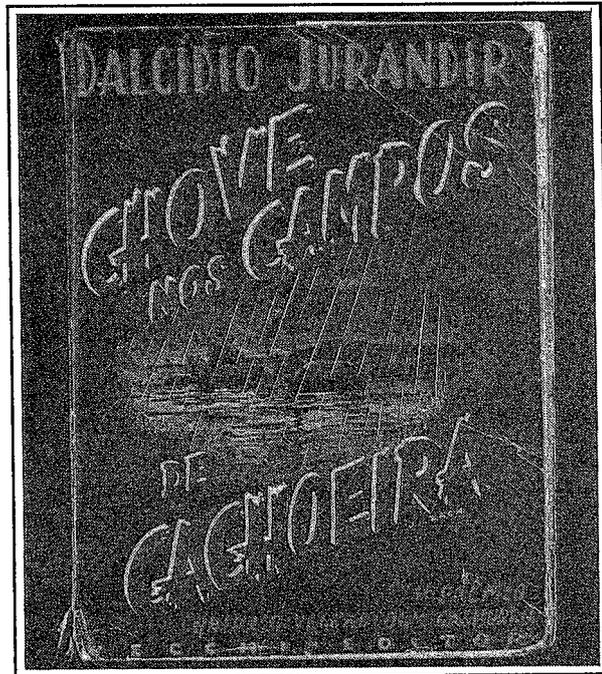
Relendo os seus romances encontrei a forma de pagar a minha dívida e de prestar-lhe a minha homenagem. Pena que seja uma homenagem póstuma e que Dalcídio não esteja vivo para dar o testemunho de sua emoção.

Faço questão de publicar o **fac-simile** das páginas de seus romances onde encontrei ainda em estado de ganga impura a própria poesia. A comparação entre a prosa poética de Dalcídio e os poemas que compõem este **cancioneiro**, servirá, com certeza, para realçar a imensa poesia de seus romances. Ao mesmo tempo que

*"O Dalcídio me conduziu à poesia, agora me reconduziu a ela".*

testemunha o trabalho de garimpagem, de arquitetura, de construção e recriação dos poemas que consegui - num ato de amor - escrever em sua homenagem.

Às vezes a poesia está numa só palavra, às vezes numa frase e às vezes apenas no próprio pensamento.



Creio que não encontraria nenhum valor no mundo capaz de pagar o sopro de vida que Dalcídio me transmitiu com o seu **Chove nos Campos de Cachoeira**, ainda na minha juventude. Como ainda não é possível avaliar a imensa contribuição que ele nos legou na sua obra, "trabalhada no barro do princípio do mundo do grande rio" como disse Jorge Amado. Mas creio também que a sua obra assim trabalhada ficará para a eternidade, como ficou a cerâmica marajoara dos seus antepassados.

Da minha parte, tenho esperança de ter realizado uma recriação inédita que, se digna do seu inspirador, deixasse-me feliz e tranqüilo por ter pago a poesia com a poesia.

**Benedicto Monteiro** é escritor paraense, autor de **Verde Vago Mundo, O Carro dos Milagres, O Minossauro, A Terceira Margem, Maria de Todos os Rios, O Cancioneiro de Dalcídio e Este-Um**.

Reprodução da capa do  
livro de Benedito  
Monteiro, Editora  
Falângola, 1985



#### CAPRICHOS DE ANDREZA

Andreza  
punha fogo no tabocal  
para assar muçã.

Pra se livrar da casa  
corria as sete lonjuras  
do Marajó.

Sabia de um rego  
no geral dos lavrados  
que era só solapo  
e onde estrondavam cardumes  
no peixal das marés.

Andreza  
apanhava os peixes  
subindo na desova  
e enchia os braços  
daquela maternidade  
que a correnteza  
por mais que brilhasse  
não conseguia abortar.

(Benedito Monteiro)

Quando ainda nem sinal havia da Cachoeira de hoje.  
Quando a lagoa se agitava era porque a arraia se mexia.  
Se esta saísse de lá, a lagoa iria em cima.

Alfredo sorria pelos olhos, coçando os mucuins do corpo, apanhados nos loucos passeios com Andreza. Roxos os lábios de tanto chupar pixuna, pernas esfoladas de subir tanto nas árvores, pés ariscos e duros de tanto correr em torrão de aterroado. Andreza, retinta do sol, tinha os olhos mais salientes com aquela areia engulidora cor de lama que reluzia de malícia estouvamento e fome de caminhar nos descampados. Andava agora com um vestido de três panos, preto, amarelo e encarnado, que nem uma cobra coral.

Como não pudesse evitar que Alfredo fosse à lagoa, Luciola falou-lhe diretamente:

- Fredinho, você acha que aquela pequena serve para andar na sua companhia?
- Que pequena, nhá Luciola?
- Essa menina... A Andreza.

TRÊS CASAS E UM RIO - 329 - Dalcídio Jurandir

Recorte de O Liberal p.  
3, 1º caderno, de 13 de  
março de 1993.

#### Andreza

Morreu ontem, em Cachoeira do Arari, Andreza Gomes da Gama. Os leitores de Dalcídio Jurandir a conhecem melhor com ela tendo convivido nas páginas dos primeiros romances do escritor paraense, lembranças de Cachoeira do Arari fortemente marcadas por Andreza.

Andreza morreu aos 101 anos. Continuava a ser uma cozinheira de mão cheia, não usava óculos, nem para costurar ou tricotar, e mantinha-se lúcida, com a lembrança perfeita do menino e adolescente que se tornou homem feito, o romancista da sua Cachoeira.

Quero tanto ir... seu olhar falava, quem ouvia o seu suspiro? Andreza a apanhar o peixe subindo na desova. Sabia de um rego, no geral dos lavrados, era peixal de maré e solapo que estrondava cardumes com a Andreza no meio. Ou Andreza punha fogo no tabocal para fazer muçã sair ou no pirí queimando os bichos, que até de rabo queimado fugia o jacaré? Queria fazer como o anú, catar os carrapatos do gado, como catou, um dia, meus micuins. Quem mais malina? Ia meter pelo olhinho dum caroço de miritizal borbulhando na enchente? Correrá as sete lonjuras do Marajó para livrar Andreza de seu vestido de coral, das chaves do xadrez atiradas no rio, dos ossos do irmão espalhados pelo campo? Mas não tinham perdido subitamente as coisas que os uniam? Patuá miri pupé ah Andreza, no ninho nem uma pena deixaste treze ilhas, treze lagos, treze fazendas a correr, treze Andrezas encontrando.

PRIMEIRA MANHÃ - p. 28 e 29 - Dalcídio Jurandir

#### ANDREZA

Roxos os lábios  
de tanto chupar pixuna  
pernas esfoladas  
de tanto subir nas árvores  
pés ariscos  
de tanto correr no aterroado.

E nos olhos  
aquela cor de areia  
ou de lama  
que reluzia de malícia.

Assim era Andreza:  
retinta de sol  
com aquela fome  
de caminhar nos descampados.

(Benedito Monteiro)